

**XIII Congresso Brasileiro de História Econômica e
I 4ª Conferência Internacional de História de Empresas**

Criciúma, 24, 25 e 26 de setembro de 2019



KIRZNER E A TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO ENTRE A ESCOLA AUSTRÍACA E
OUTRAS ABORDAGENS: EVIDÊNCIAS A PARTIR DE TEXTOS MENOS
CONHECIDOS

Lucas Casonato

Eduardo Angeli

KIRZNER E A TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO ENTRE A ESCOLA AUSTRIACA E
OUTRAS ABORDAGENS: EVIDÊNCIAS A PARTIR DE TEXTOS MENOS
CONHECIDOS

*KIRZNER AND THE RAPPROCHEMENT TRIAL BETWEEN THE AUSTRIAN SCHOOL AND
OTHER APPROACHES: SOME EVIDENCES FROM LESSER KNOWN TEXTS*

Lucas Casonato¹

Eduardo Angeli²

RESUMO

O artigo apresenta o pensamento econômico de Kirzner expresso em uma parcela menos conhecida de sua obra, as revisões de livros, comentários e respostas que ele escreveu ao longo da carreira. A proposta aqui é investigar e sistematizar as características do pensamento econômico do autor que emergem nesse material: sua relação com a praxeologia misesiana e a percepção que ele tem de diferentes correntes econômicas. Justifica-se a escolha desse material pelo engajamento profissional de Kirzner em participar de discussões econômicas para se aproximar de outras escolas de pensamento. Foi concluído que no pensamento econômico kirzneriano: uma abordagem comparativa com outras visões serve como forma de se aproximar a elas; há preferência pela ideia de processo de mercado com relação à praxeologia; a função empresarial é um ingrediente passível de ser aplicado em outras visões econômicas.

Palavras-chave: Israel Kirzner. Engajamento profissional. Abordagem comparativa. Praxeologia. Escolas econômicas.

ABSTRACT

The article presents the economic thought of Kirzner expressed in a lesser known part of his work, the book reviews, comments and answers he wrote throughout his career. The purpose here is to investigate and systematize the characteristics of the author's economic thinking that emerge in this material: its relationship with Misesian praxeology

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná. Professor Adjunto do curso de Ciências Econômicas na Faculdade de Educação Superior do Paraná.

² Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná.

and his perception of different economic currents. The choice of this material is justified by Kirzner's professional engagement in participating in economic discussions to get closer to other schools of thought. It was concluded that in Kirznerian economic thought: a comparative method to other views serves to approach them; there is a preference for the idea of market process over praxeology; the entrepreneurial function is an ingredient that can be applied to other economic views.

Keywords: Israel Kirzner. Professional engagement. Comparative approach. Praxeology. Economic Schools.

1. Introdução

Israel Kirzner é um personagem central para a Escola Austríaca (EA) de Economia. Seus trabalhos contribuíram para a retomada de interesse e expansão teórica nessa corrente do pensamento econômico (BARBIERI, 2001, p. 35; 2008, p. 216-217). Vaughn (1994, p. 92-93) reconhece Kirzner como uma das três figuras que se destacaram nesse movimento, que denomina “*Austrian Revival*”, ocorrido a partir de meados da década de 1970.

Ao longo de suas principais obras, Kirzner defendeu consistentemente a teoria Austríaca para o entendimento dos fenômenos econômicos, pautando-se nas contribuições do par Mises-Hayek (KIRZNER, 2011 [1963]; 2013 [1973]; 1979; 1992; 2000). Porém, muita ênfase foi dada, inclusive pelo próprio autor, à sua proposição da função empresarial no processo de mercado, sendo a atividade empresarial o campo de estudo em que Kirzner é considerado uma das principais referências (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xi). A ideia chegou a ser inserida pelo próprio autor na discussão de outras questões na economia, como os pré-requisitos para o desenvolvimento econômico e a justiça distributiva (BOETTKE e RIZZO, 1995, p. xiii). Para Douhan *et al.* (2007, p. 217-220) é possível relacionar a atividade empresarial de Kirzner a um leque de temas ainda maior, como a formulação de políticas econômicas, liberdade, justiça e crescimento econômico.

Para Caldwell, conforme menção de Boianovsky, Kirzner utiliza um estilo argumentativo que busca estabelecer comparações com outras correntes de pensamento na defesa da visão Austríaca.³ Este artigo está denominando de “abordagem comparativa” o método observado nas obras de Kirzner a partir da sugestão de Caldwell. Essa forma de discussão, com base em comparações, aponta para o resgate feito de um tema a partir de uma ou mais visões específicas sobre ele antes de se passar à própria apreciação do assunto. Assim, este artigo investiga e sistematiza as características do pensamento econômico de Kirzner que emergem nos trabalhos escritos com base na revisão de algum material anterior. Esses textos são revisões de livros, comentários e respostas a trabalhos

³ Mauro Boianovsky, presidindo o comitê de nomeação ao “*Distinguished Fellow Award*” de 2018 da *History of Economics Society*, explica que Caldwell defende a designação de Kirzner ao prêmio por sua postura de utilizar a história do pensamento econômico para comparar outras abordagens econômicas à visão Austríaca. A carta está disponível em: https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf (Acesso em 21.10.2018).

de outros autores. São textos menos conhecidos de Kirzner, mas propícios às comparações, e passíveis de ilustrar o engajamento profissional do autor.

Portanto, subjacente à escolha de tais textos, está a hipótese de que Kirzner adota uma postura de engajamento com o restante da profissão, superando as barreiras existentes entre as diferentes correntes de pensamento econômico. Isso é percebido na disposição do autor em revisar, comentar e responder textos e autores das mais diversas correntes, não se restringindo ao Austrianismo ou ao *mainstream*. Embora essa não seja uma posição comum a todos os seguidores da EA, como discutiu Angeli (2018, p. 692-695), é uma atitude defendida pelo próprio Kirzner, acreditando ser vantajoso discutir com diferentes visões teóricas para o progresso científico (KIRZNER, 1989b, p. 235). Tal hipótese é compatível com a posição usualmente atribuída ao papel central que Kirzner exerceu no “*Austrian Revival*”, como o de uma espécie de expoente que propunha maior proximidade do Austrianismo com o *mainstream* (VAUGHN, 1992, p. 260; 1994, p. 05).⁴

Por sua importância para a teoria Austríaca, e em especial para a teoria da atividade empresarial, Kirzner teve suas obras escrutinadas em diversos trabalhos. Porém, é possível verificar que os que trataram da teoria do autor⁵, ou que o utilizaram para discutir temas adjacentes⁶, não tiveram como objetivo jogar luz sobre seu pensamento econômico a respeito de questões não relacionadas à teoria da atividade empresarial ou ao Austrianismo. Tal ausência deixou uma lacuna na literatura, acerca do pensamento econômico de Kirzner sobre temas diversos.

Suprir essa ausência torna-se relevante para a compreensão da contribuição teórica de um autor de tamanha importância, bem como da escola de pensamento que ele ajudou a recuperar, permitindo um entendimento melhor a respeito de ambos. Logo, justifica-se analisar esse conjunto selecionado dos trabalhos de Kirzner por quatro razões: (i) o autor viu-se incitado a escrever sobre temas que não compunham necessariamente sua agenda de pesquisa, pela necessidade de revisar, comentar ou responder algum material prévio; (ii) parte dos trabalhos discutidos influenciou suas obras, já que constam nestas como

⁴ Para Douhan et al. (2007, p. 221) “Kirzner’s most important contribution may be that he has made the Austrian School intelligible to other economics scholars”.

⁵ Por exemplo Burckzak (2002), Lewin (2002), Sautet (2002), Jakee e Spong (2003), Douhan, Eliasson e Henrekson (2007), Klein e Briggeman (2010), Boettke (2014) e Korsgaard, Berglund, Thrane e Blenker (2016).

⁶ Como Barbieri (2001; 2008), Koppl (2002), Holcombe (2003), Boettke e Coyne (2003), Boettke e D’Amico (2010), Callahan (2010), Foss e Klein (2010), Horwitz (2010) e McCaffrey (2014).

referências, o que será apontado; (iii) esse material não é comumente utilizado nas pesquisas sobre o seu pensamento econômico ou sua teoria da atividade empresarial; e (iv) tais materiais podem ser lidos à luz da tentativa de Kirzner em aproximar-se de outras escolas econômicas, reflexo de seu engajamento profissional.⁷

Além dos materiais publicados por Kirzner após a listagem mais recente de sua obra (BOETTKE *et al.*, 2002), existem outros textos do autor que não aparecem nessas listas, mas que serão utilizados neste artigo. Ainda assim, por falta de acesso, nem todos os materiais de interesse listados nas duas publicações mencionadas puderam ser encontrados para utilização, e por isso estão ausentes da revisão bibliográfica realizada.

Foram analisadas 36 revisões de livro, oito respostas e 11 comentários escritos pelo autor que puderam ser acessados. A escolha deles para exame segue o entendimento de que nesses materiais, pouco explorados pela literatura, Kirzner encontrou-se defronte à necessidade de lidar com temas que não compunham necessariamente sua própria preocupação teórica, e isso permite duas possibilidades: (I) entender que eles apareceram ao autor como oportunidade para defender a EA frente a outras correntes, discutindo temas diversos na forma com que estão imersos em seu pensamento econômico; (II) explorar seu ponto de vista com relação a questões que não estiveram necessariamente relacionadas ao seu objeto de pesquisa, embora possam ter lhe servido de referência futura em outros trabalhos.

Propõe-se que a análise do material escolhido seja dividida por temas, a fim de apresentar os resultados da investigação realizada. Apesar da diversidade de assuntos encarados por Kirzner nos trabalhos selecionados foi possível identificar dois grandes temas que aparecem recorrentemente: (1) a relação do autor com a praxeologia misesiana; e (2) sua percepção com relação a distintas correntes econômicas. Para cada um destes temas o artigo dedica uma seção, ao que segue uma seção com as considerações finais.

⁷ Vale notar que Boettke e Sautet, organizadores do “*The Collected Works of Israel M. Kirzner*”, deram atenção especial a esses materiais. Além de incluir algumas revisões e respostas escritas por Kirzner, também adicionaram alguns dos artigos que os motivaram, como se vê em Boettke e Sautet (2009; 2016; 2018b).

2. Relação com a praxeologia

A primeira característica que emerge do pensamento econômico de Kirzner nesse conjunto analisado de suas obras é a relação do autor com a praxeologia misesiana. Jakee e Spong (2003, p. 463-464) notam que o autor não faz referência explícita a ela em trabalhos sobre a atividade empresarial, embora tenha lhe utilizado como base para defender a Economia como ciência na década de 1960, com base na racionalidade envolvida no propósito da ação humana. Apesar de não explicitar, é notório o uso kirzneriano da ação humana como resultado propositado.

Em seu primeiro livro, Kirzner defendeu a praxeologia como estudo da ação humana (KIRZNER, 2009 [1960], p. 185).⁸ Neste sentido, seria um campo mais geral que a própria Economia, enquanto esta última seria apenas um dos seus ramos (KIRZNER, 2009 [1960], p. 186). Assim, a visão praxeológica admitiria que a teoria econômica surge da observação de uma faceta particular da ação humana. Com isso, Kirzner defende que a Economia, “[...] that has alone successfully sought to harness the element of human action to the scientific explanation of social phenomena” (KIRZNER, 2009 [1960], p. 156).

O assunto surge nos trabalhos analisados neste artigo em um ensaio de Kirzner no “debate Becker-Kirzner”, episódio assim denominado por Boettke e Sautet (2009, p. xvii). Para os autores, as respostas kirznerianas a Becker ilustram uma abordagem praxeológica na metodologia defendida por Kirzner, pela forma como ele explica a racionalidade econômica.

De acordo com Kirzner (1962, p. 380), Becker [1962] propôs defender a utilização da hipótese de racionalidade na teoria econômica, porque as conclusões teóricas nesse campo estariam em ataque por uma aparente dependência deste pressuposto. Como forma de defesa, Becker teria ilustrado que a curva de demanda no mercado é negativamente inclinada independentemente da racionalidade dos agentes. Esse seria um resultado objetivo, considerando que toda a renda concentrada poderia adquirir quantidades cada

⁸ É interessante notar que literatura reconhece o primeiro livro de Kirzner como advindo da sua tese de doutorado em Economia, orientada por Mises, reconhecidamente propositor da praxeologia (BOETTKE e SAUTET, 2009, p. xiv). Porém, em entrevista concedida em 2006, Kirzner esclarece que o livro é uma versão desenvolvida da sua tese, já que nesta última a análise histórica se encerraria por volta dos anos 1900, e que os desdobramentos teóricos posteriores, em especial a defesa da praxeologia, teriam sido inseridos por ele apenas no livro (BOETTKE e SAUTET, 2018a, p. 725).

vez menores conforme os preços fossem aumentando. O que possibilitaria a emergência de um preço de equilíbrio na economia. Porém, argumenta Kirzner, Becker não explica a razão de uma inclinação negativa, já que, na falta de racionalidade, não se poderia afirmar nada sobre o comportamento dos preços, o que também invalidaria qualquer interação entre as curvas de demanda e oferta (KIRZNER, 1962, p. 380-381).

Kirzner aponta que a teoria tradicional considera o preço de equilíbrio a partir da intersecção entre oferta e demanda por uma razão implícita. Quando os preços esperados pelos indivíduos são diferentes do de equilíbrio ocorre uma frustração nos planos dos agentes, levando à sua revisão até que o equilíbrio seja atingido (KIRZNER, 1962, p. 381).⁹ Com isso, Kirzner busca esclarecer o papel do erro na frustração das expectativas: o erro seria o responsável por garantir que os participantes do mercado revisem os planos, permitindo a tendência ao equilíbrio. Como na ausência de racionalidade não há revisão de planos, perde-se a certeza da emergência de um preço de equilíbrio (KIRZNER, 1962, p. 382). Assim, no pensamento kirzneriano não há como remover a hipótese de racionalidade dos agentes na Economia, uma vez é racional toda a ação propositada, em que os indivíduos agem deliberadamente para alcançar um fim previamente estabelecido.

Becker teria respondido a Kirzner no ano seguinte buscando mostrar que seu próprio argumento permanecia verdadeiro apesar das críticas kirznerianas. Porém, segundo Kirzner, Becker interpretou a crítica como uma discussão sobre a estabilidade do equilíbrio, quando na verdade a discussão estaria centrada no movimento iniciado na situação fora das condições necessárias ao equilíbrio (KIRZNER, 1963b, p. 84). O cerne da discussão, no pensamento kirzneriano, era a possibilidade de alcançar o equilíbrio por meio da revisão de planos dos agentes, com a necessidade intrínseca de alguma racionalidade por parte dos indivíduos (KIRZNER, 1963b, p. 84). Novamente, segundo Kirzner, Becker teria falhado em apresentar a motivação que leva os agentes à revisão de planos na ausência de alguma racionalidade. Assim, Kirzner sugere que possivelmente Becker tenha assumido de maneira implícita alguma racionalidade em seu modelo, por considerar que os agentes econômicos revisam seus planos na tomada de decisão

⁹ “The essence of this market process, it will be observed, is *the systematic way in which plan revisions are made as a consequence of the disappointment of earlier plans*. Such systematic revisions of plans, it is clear, depend on very assumed patterns of rational action” (KIRZNER, 1962, p. 381, *itálico original*).

(KIRZNER, 1963b, p. 84-85) – o que ocorre, no pensamento kirzneriano, na realização de ações propositadas.

O “debate Becker-Kirzner” ilustra como Kirzner (1962; 1963b) utiliza a abordagem comparativa para a defender o ponto de vista praxeológico. Uma vez que Becker tenha tentado descartar a hipótese de racionalidade para mostrar a validade dos teoremas econômicos, Kirzner mostra como uma definição mais geral e subjetiva para a racionalidade é imprescindível na Economia. Assim, nota-se neste debate que os dois lados divergem sobre o conceito de racionalidade. Por isso Becker estaria em posição de tentar excluí-la, enquanto comportamento específico de maximização. Porém, como mostrou Kirzner, não se pode ignorar a racionalidade quando tomada como propensão humana à revisão dos meios para o alcance dos próprios fins, proposição que serve de base à praxeologia misesiana.

Se a praxeologia pode ser entendida como método de análise econômica a partir da ação humana, Kirzner também a defendeu implicitamente na revisão do livro de Briefs [1960]. A inclinação kirzneriana se volta à defesa do método da teoria pura, que acredita condizente com a teoria econômica, independentemente das ferramentas matemáticas. Para Kirzner, é suficiente conceber a intencionalidade na ação humana para a interpretação dos fenômenos sociais (KIRZNER, 1963a, p. 615).

Essa defesa metodológica será novamente encontrada em outro artigo de Kirzner na década de 1960. A motivação deste artigo é a publicação de um discurso de Buchanan [1964] sobre a função do economista. No texto, Buchanan teria defendido que os economistas mudassem seu foco de análise, dos problemas de alocação para as discussões catalíticas, ou seja, sair das preocupações com a eficiência alocativa para entender os resultados da propensão humana à troca. Isso porque discutir a alocação só teria sentido na decisão individual, em que um agente isolado se depara com um problema a ser solucionado. Essa discussão não caberia na economia de mercado porque os seus resultados emergem das interações sociais de vários agentes decidindo isoladamente (KIRZNER, 1965, p. 257).

Segundo Kirzner, Buchanan identifica a preocupação com a alocação na proposta do problema econômico colocado por Robbins, considerando meios escassos e fins alternativos. Porém, Buchanan teria falhado na percepção de que Robbins não propusera que a Economia resolvesse o problema da alocação no mercado, seja para um indivíduo

isolado ou para toda a sociedade. No entendimento kirzneriano, a Economia pensada por Robbins seria o estudo de como os homens resolvem o problema econômico, para explicar os fenômenos resultantes desse processo. Então o núcleo da proposta robbinsiana seria caracterizado por uma posição metodológica, analisar uma característica especial da atividade humana, a partir da qual se extrairiam leis e teorias para o entendimento das regularidades observadas no mundo real (KIRZNER, 1965, p. 258-259).

Deste modo, Buchanan estaria considerando apenas um aspecto particular na proposta de Robbins, ignorando a ideia de “*logic of choice*” que complementa essa proposição. Para Kirzner, isso implica na incapacidade de objetar completamente a proposta robbinsiana. Tal objeção poderia ser feita colocando-se em perspectiva os planos individuais dos agentes, tal como feito por Mises e Hayek, que também teriam concluído, como Buchanan, pela necessidade de mudar o foco da Economia (KIRZNER, 1965, p. 258-259).

Assim, Kirzner sustenta sua posição afirmando que existem duas visões concorrentes na Economia sobre o conhecimento gerado na análise econômica. A primeira seria o grupo dominante, que admite a Economia como um campo empírico, cujo desenvolvimento perpassa a identificação de regularidades nos fenômenos econômicos, levando aos avanços teóricos. Nesta vertente, o conhecimento é possibilitado por meio dos mesmos métodos utilizados nas ciências físicas. Já a segunda visão seria defendida por um grupo menor, entendendo que a Economia permite um conhecimento do mundo real a partir dos resultados lógicos das ações propositadas sob as mais diversas influências. Tal vertente acredita ser capaz de avançar com relação aos métodos existentes nas ciências físicas por permitir um conhecimento sobre questões não observáveis, ao considerar que há aspectos subjetivos a serem compreendidos na ação humana (KIRZNER, 1965, p. 260).

Essa segunda forma é apresentada por Kirzner como a visão praxeológica, que entende como foco de análise da Economia os planos individuais que os agentes estabelecem, considerando a alocação de recursos como atividade necessária para alcançar seus propósitos. Essa proposta, que para Kirzner é originada nas ideias de Mises e Robbins, não seria passível das críticas feitas por Buchanan, ao mesmo tempo que manteria as vantagens na busca por substituir o foco da Economia, da alocação para a cataláxia (KIRZNER, 1965, p. 260).

Verifica-se neste artigo que Kirzner (1965) vale-se da abordagem comparativa para defender a praxeologia misesiana, ao reinterpretar a definição econômica de Robbins e associá-la à visão de Mises. Isso permite a Kirzner atingir dois objetivos, embora só o primeiro esteja declarado: (i) responder as críticas de Buchanan; e (ii) defender o método praxeológico como forma de compreensão dos fenômenos sociais pela Economia, avançando com relação ao que é observado empiricamente.

Outra oportunidade que Kirzner utilizou para defender a praxeologia foi na revisão do livro de Shackle [1966]. Nela, discute como Shackle considera que o ambiente de incerteza transforma a decisão humana. A inclusão dessa condição mudaria o processo de escolha na teoria econômica: do cálculo mecânico, determinado pelo conjunto de informações, para uma atividade imaginativa e criativa que não guarda relação com o passado (KIRZNER, 1967a, p. 209). Porém, a revisão aponta que a posição adotada por Shackle não invalidaria a análise da pura “*logic of choice*”, já que esta é, no plano da mente, como se o indivíduo se deparasse com opções que conhecesse com certeza. Então, para Kirzner, o economista não precisa conhecer os fatores psicológicos que antecedem ou perpassam a escolha para o sucesso da análise. Basta conhecer o propósito do tomador de decisão (KIRZNER, 1967a, p. 210).

Desta forma, Kirzner (1967a) utiliza a revisão do livro de Shackle para defender a praxeologia dividindo analiticamente a decisão entre formação e realização, para contrastar seu resultado com o objetivo inicialmente assumido pelo indivíduo. Assim, Kirzner acaba por limitar o grau de subjetividade a ser admitido no entendimento do processo decisório. Conquanto admita buscar maior compreensão do fenômeno por meio do subjetivismo, demonstra não ser necessário avançar ao ponto de conhecer as características mentais que atuam na escolha. Portanto, neste texto a abordagem comparativa serve a Kirzner como forma de mostrar a aderência entre a proposta de Shackle e a pura “*logic of choice*” decorrente da visão praxeológica da Economia.

Kirzner retomará a defesa da praxeologia nesse conjunto de textos na década de 1980, ao tratar da adoção de hipóteses nos modelos econômicos durante a revisão do livro de Lepage [1978]. Segundo Kirzner, para Lepage um grupo teria se destacado no fornecimento das bases para defender as ideias de livre mercado na Economia, os “*new economists*”, considerando que eles demonstraram empiricamente a validade do *homo economicus*. Assim, seria somente com a contribuição desse conjunto de profissionais

que houvera a demonstração da validade científica do capitalismo, avançando por não dependerem da retórica ou da fé em sua sustentação. E é essa última consideração que será contestada por Kirzner na revisão (KIRZNER, 1982, p. 34-35).

Kirzner aponta seu descontentamento por Lepage ter relacionado o tratamento do capitalismo pelos “*new economists*” com o livro “*Human Action*” de Mises, ao comparar a racionalidade dos primeiros com a praxeologia do segundo. Com isso, Kirzner assume que a racionalidade considerada por Lepage dependeria de se considerar a ação como propositada. Porém, no pensamento kirzneriano há incompatibilidade entre as duas versões porque na racionalidade utilizada pelos “*new economists*”, também defendida por Lepage, depende-se de quais fins são almejados na ação, não sendo suficiente apenas a sua existência. Para Kirzner, o grande motivo de crítica é o fato de uma defesa tão sólida do capitalismo, como a promovida pelos “*new economists*”, ter como base uma argumentação tão frágil, aceita por Lepage em decorrência da capacidade preditiva (KIRZNER, 1982, p. 35).

Na revisão do livro de Lepage, Kirzner (1982) utiliza a abordagem comparativa para contrastar a diferença de significado entre o conceito de racionalidade para os “*new economists*” e o defendido por Mises. A definição da qual partem os primeiros seria dependente de fins pré-concebidos da ação individual, porque sua racionalidade dependeria da eficiência na decisão para alcançar o objetivo assumido. Já no conceito misesiano, advindo da visão praxeológica da economia, a racionalidade só seria avaliada pela consistência entre fins e meios, tornando-a independente do alcance de um fim admitido na observação externa.

Outro material em que Kirzner defende a praxeologia nesse período é na revisão do livro de Blaug [1980]. Na interpretação kirzneriana, Blaug teria analisado erroneamente o Austrianismo por ter se pautado apenas em critérios científicos acredita válidos, o monismo metodológico e o falseacionismo, concluindo que a EA seria dogmática e estrita. Kirzner então o esclarece o significado desses dois aspectos para Blaug antes de contrastar sua própria visão metodológica. Segundo Kirzner, o monismo metodológico é a negação da necessidade de métodos específicos para as ciências naturais e as ciências sociais, e o falseacionismo a ferramenta de validação científica que requer que as previsões teóricas sejam passíveis de testes empíricos (KIRZNER, 1984, p. 5).

Kirzner se propõe a defender a praxeologia por meio da discussão de um teorema Austríaco, baseado no método praxeológico, que assevera a tendência de os preços de um mesmo bem convergirem para um preço único quando o mercado é livre. Para Kirzner, embora essa seja a base para a Lei da Indiferença de Jevons, ela não passaria no critério falseacionista, por exemplo, pelas constantes mudanças verificadas no mundo real. Assim, tal Lei estaria empiricamente falseada, embora poucos economistas aceitem lhe retirar da teoria econômica, conquanto não passe no teste aceito por Blaug (KIRZNER, 1984, p. 6).

De acordo com Kirzner, a EA encontra relações lógicas e sistemáticas que são geradas por ações propositadas dos agentes. Então, a existência de fenômenos que por sua natureza não podem ser compreendidos nas posições metodológicas admitidas por Blaug deveriam colocar em perspectiva a validade dessa metodologia. Kirzner afirma que Blaug negou arbitrariamente a validade da posição Austríaca de desenvolver teoria econômica com base na praxeologia. Tal arbitrariedade seria decorrente da atitude metodológica de Blaug em discutir fenômenos regulares que não sejam verificáveis através de métodos que dependem exclusivamente de observações empíricas (KIRZNER, 1984, p. 6-7).

Com isso, a comparação promovida nessa revisão permite a Kirzner (1984) mostrar o maior poder de investigação da praxeologia com relação ao falseacionismo, por dar conta tanto dos fatores observáveis como não observáveis. Neste sentido, o primeiro método é colocado como mais geral que o segundo. Isso ocorre com o avanço do subjetivismo, que na perspectiva kirzneriana aumentaria capacidade do economista em compreender as ações que os agentes tomam e os fenômenos econômicos daí emergentes.

Já nos anos 2000, Kirzner voltará a assumir uma posição praxeológica na admissão da ação propositada como característica central do agente econômico ao revisar o livro de Bauer [1957]. Kirzner mostra que as críticas enfrentadas por Bauer nas discussões sobre desenvolvimento econômico são as mesmas que geralmente se direcionam à economia tradicional, em resumo, que os indivíduos não estão buscando sempre maximizar ganhos pecuniários. Há por detrás dessa discussão a percepção da diferença entre o comportamento humano e aquele esperado do *homo economicus*. Mas, para Kirzner, quando se considera que as ações do agente econômico são propositadas,

tornam-se irrelevantes as características que lhe forem atribuídas, como egoísmo ou auto interesse (KIRZNER, 2005, p. 468).

Kirzner então reinterpreta a análise econômica tradicional para permitir que ela fique imune a essas críticas, tomando-a como o estudo da propensão humana na busca por alcançar seus objetivos deliberadamente por meio dos recursos disponíveis. Portanto, considerando a existência de propósito nas decisões individuais, os resultados do processo de mercado continuariam válidos independentemente de os indivíduos serem egoístas ou altruístas. Isso porque tais agentes manteriam sua propensão empresarial à identificação das possibilidades de ganho (KIRZNER, 2005, p. 467). Logo, Bauer estaria certo em sua afirmação de que as diferentes atitudes nos países em desenvolvimento não invalidariam a teoria econômica básica, independentemente das diferenças contextuais (KIRZNER, 2005, p. 468).

Ao final dessa revisão, Kirzner faz uma sistematização da ação propositada, caracterizada por ele em três pontos: (i) escolha de objetivos; (ii) consistência na busca por alcançá-los, mesmo que se modifiquem os meios no processo; (iii) estado de alerta para as novas possibilidades de alcançar os fins objetivados.¹⁰ No pensamento econômico kirzneriano a ação propositada é uma característica de todos os seres humanos, não sendo específica do *homo economicus*, mas comum ao *homo sapiens* (KIRZNER, 2005, p. 469).

Nesta revisão, Kirzner (2005) mostra como o comportamento propositado prevalece em diferentes ambientes e contextos. Sua perspectiva é apresentada em comparação com a posição defendida por Bauer, com quem concorda sobre a universalidade da teoria econômica básica. Dessa concordância emerge a reinterpretação kirzneriana da análise econômica, permitindo uma hipótese mais geral sobre o comportamento humano. Qual seja, a de que o propósito na ação individual não seja uma característica do agente no mercado, mas um atributo que é comum a toda espécie humana, tal qual afirmado na praxeologia misesiana.

Se os materiais propícios à abordagem comparativa entre as décadas de 1960 e os anos 2000 mostram Kirzner defendendo a praxeologia frente à teoria econômica tradicional, embora sem ênfase na explicitação, não é isso que se encontra em um trabalho

¹⁰ Estado de alerta é a capacidade individual que os seres humanos têm, em distintos graus entre si, de perceber oportunidades de ganho por meio de uma ação propositada (KIRZNER, 2013 [1973], p. 12).

publicado pelo autor em 2010. Na resposta dirigida a um artigo de Klein e Briggeman [2010], Kirzner tem de priorizar a teoria misesiana do processo de mercado ou o método praxeológico de Mises, porque na visão desses autores Kirzner teria lhes tomado como inseparáveis (KIRZNER, 2010b, p. 56-69). Kirzner afirma em sua resposta que tem tentado desde seus primeiros trabalhos mostrar como é possível separar “Mises’s understanding of economic processes from the epistemological framework in which Mises himself developed that understanding” (KIRZNER, 2010b, p. 58).

No pensamento kirzneriano é possível entender e admitir o processo de mercado elaborado por Mises independentemente de se aceitar a praxeologia. Kirzner esclarece que essa percepção o levou, bem como a outros seguidores do Austrianismo moderno, a entender como Hayek, embora não aceitando a praxeologia misesiana, chegara na mesma concepção misesiana sobre um mercado competitivo dinâmico. Nessa discussão, Kirzner aproveita para esclarecer que a EA Moderna não segue Mises e Hayek na praxeologia, antes, o faz no interesse sobre a natureza do processo de mercado (KIRZNER, 2010b, p. 58-59).

Assim, neste último trabalho sobre a praxeologia, Kirzner (2010b) compara sua forma de enxergar a obra de Mises com a visão de Klein e Briggeman, esclarecendo seu pensamento econômico quanto à importância do método praxeológico na EA. Sua defesa é de que a praxeologia, enquanto metodologia de pesquisa, não é unânime no Austrianismo, que se une, antes, pela teoria do processo de mercado. Com isso, Kirzner defende a possibilidade de separar a teoria misesiana de sua abordagem metodológica, a praxeologia.

Nos trabalhos anteriores a esse de 2010 verifica-se a busca kirzneriana por elementos que corroborem a importância das assertivas praxeológicas frente à teoria econômica tradicional. Nesta resposta, entretanto, Kirzner (2010b) está preterindo a praxeologia em favor da teoria do processo de mercado de Mises, tornando a última acessível mesmo para quem rejeite o método praxeológico.

No conjunto de textos discutido nessa seção viu-se que Kirzner defendeu a praxeologia misesiana por diferentes ângulos e a partir de diferentes temas. Ele a defende como baseada na hipótese mais básica de que toda ação humana é racional, porque derivada da escolha de meios para o alcance de fins anteriormente estabelecidos (KIRZNER, 1962; 1963b; 2005). Essa racionalidade independe das motivações que

guiam essas decisões (KIRZNER, 1967a), ou de alguma natureza intrínseca ao comportamento humano (KIRZNER, 2005). Racionalidade essa que é contrastável com aquela admitida na teoria econômica tradicional, porque na versão praxeológica existe uma independência com relação aos fins (KIRZNER, 1982; 2005). Enquanto metodologia, a admissão kirzneriana da praxeologia segue o entendimento presente em seu primeiro livro, de que permite maior grau de subjetividade na interpretação dos fenômenos econômicos, aumentando a capacidade de compreendê-los (KIRZNER, 1960; 1963a; 1965). O mérito do método praxeológico é independender daquilo que é empiricamente observável ou concebido a partir da análise matemática (KIRZNER, 1963a; 1965; 1984).

O questionamento que surge, portanto, é a motivação por detrás da hierarquização entre esses dois temas, praxeologia e processo de mercado, no pensamento econômico kirzneriano que surge nesta parcela da sua obra. A defesa realizada em 2010, de que seja possível separar a metodologia misesiana da visão de Mises sobre a teoria do processo de mercado, não causa estranheza, mas incomoda à luz da sua incessante defesa da praxeologia em face das comparações com a teoria econômica convencional. Essa diferença entre os textos é interessante porque confunde sobre a importância da praxeologia no pensamento kirzneriano. Quando discutindo a teoria econômica tradicional, sua tentativa foi a utilização da “abordagem comparativa” para defender os princípios da praxeologia, baseados na ação humana propositada. Na defesa da teoria Austríaca, entretanto, priorizou a tese do processo de mercado, separando a teoria do método misesiano para enfatizar a primeira enquanto tema mais geral.

Uma possibilidade, neste sentido, é separar o entendimento kirzneriano acerca da praxeologia enquanto método de construção teórica e meio de análise econômica, tal como Kirzner fez para o pensamento misesiano. Sua defesa de que o foco na economia seja a ação humana propositada, ou de que a racionalidade dos agentes econômicos esteja na escolha de meios para o alcance dos fins, não significa aderir à somente à praxeologia para realizar a análise econômica.¹¹ Antes, são ferramentas que permitem maior

¹¹ Reforço disso é a explicação que Kirzner forneceu em 1967 ao distinguir misesianos e membros da Escola de Chicago com base em seus ideais metodológicos. Para Kirzner (1967b, p. 106), há uma diferença entre o tipo de conhecimento que é gerado teoricamente por meio da praxeologia daquele obtido empiricamente. Com isso, aponta que a ideia de confirmação teórica com base na validação empírica não é possível e nem necessária. Impossível porque não há como controlar as mudanças de apenas uma variável no mundo real.

subjetividade ao cientista, que aumentam seu poder de compreender o fenômeno econômico, tal como expresso por Kirzner. Ao aceitar separar teoria e método na obra de Mises, o pensamento kirzneriano expressa essa divisão acerca do seu próprio entendimento da praxeologia, enquanto forma de criação teórica e ferramenta de análise. Assim, na utilização da “abordagem comparativa”, Kirzner assume parcialmente a praxeologia, ao admitir alguns de seus *insights*, sem integrá-la à totalidade da teoria econômica, da mesma forma como Mises é tomado no pensamento kirzneriano.

Não é objeto de investigação deste artigo apontar se a abordagem kirzneriana é ou não praxeológica, mas é possível afirmar algo acerca disso a partir dos trabalhos consultados. Kirzner utiliza a praxeologia como ferramenta de trabalho de maneira geral, mas sem se prender a ela ou defender sua exclusividade. Isso é percebido na incessante defesa da “*logic of choice*”, sob a ótica da praxeologia para a análise econômica, bem como no entendimento da ação humana, sob a ótica da construção teórica, conquanto não explicita a praxeologia em seus trabalhos. E tal defesa serve a Kirzner como forma de aproximar-se das outras abordagens econômicas, ao utilizar o entendimento da racionalidade humana, que utiliza como princípio praxeológico, enquanto denominador comum entre as visões econômicas. Mas sem afastar-se dos Austríacos que rejeitam a praxeologia enquanto metodologia, mantendo a aproximação com os dois grupos.

3. Entendimento acerca de outras escolas econômicas

A segunda característica que emerge do pensamento econômico de Kirzner nesse conjunto analisado de suas obras é seu entendimento acerca de outras abordagens econômicas que não a neoclássica, já que esta é recorrentemente tratada por ele em seus principais textos. Nos trabalhos aqui analisados emerge a proposta kirzneriana de como a função empresarial é necessária na compreensão Austríaca ou tem espaço nas abordagens de outras teorias econômicas, independentemente do arcabouço metodológico com que foram propostas.

Revisando o livro de Smith [1988], cujo próprio autor considerou baseado no Austrianismo, Kirzner aponta que a tese central desse material é a defesa de que a

Desnecessária porque os próprios modelos econômicos já são estabelecidos por meio de hipóteses sobre as condições em que ocorrem os fenômenos.

sociedade estaria priorizando preocupações de curto prazo e, com isso, permitindo problemas futuros. Smith teria sugerido resolver isso com reformas institucionais para incentivar o planejamento de longo prazo (KIRZNER, 1989a, n.p).

Para Kirzner, Smith entende que a utilização da renda pelos indivíduos reflete suas preferências temporais. Porém, Smith parece aceitar a proibição do exercício destas por vias institucionais, o que não seria admissível do ponto de vista Austríaco. Porque isso refletiria falta de confiança no livre mercado, por não creditar a ele a conciliação entre interesses presentes e futuros. Embora o livro de Smith tome o Austrianismo como base, Kirzner afirma que falta nele a compreensão Austríaca sobre a alocação temporal. No pensamento kirzneriano, diferente de Smith, a designação intertemporal dos recursos não tem relevância pela possibilidade de acumular riqueza ao longo do tempo, mas por atender a preferências presentes sobre o futuro (KIRZNER, 1989a, n.p).

Outro ponto criticado por Kirzner é que Smith estaria admitindo a Lei de Say em sua proposta como parte do pensamento Austríaco, considerando que a oferta guia as possibilidades de demanda. Segundo Kirzner, o Austrianismo não admite essa interpretação, porque, ao contrário, percebe a demanda como condutora da oferta. Smith estaria sendo induzido ao erro pela admissão Austríaca do *insight* da impossibilidade de superprodução existente na Lei de Say, o que, para Kirzner, não implica necessariamente aceitar a totalidade dessa proposição (KIRZNER, 1989a, n.p).

Nessa revisão, Kirzner (1989a) utiliza a abordagem comparativa para ilustrar sua perspectiva acerca do Austrianismo com relação à de Smith. A partir daí, Kirzner resgata duas ideias que considera inerentes à EA, conciliação intertemporal das preferências e impossibilidade de superprodução, mostrando que a tentativa de controlar as decisões individuais por meios institucionais não é passível de defesa no Austrianismo.

Um novo contraste entre a visão kirzneriana da EA com relação a outros autores surge na revisão do livro de O'Driscoll e Rizzo [1985]. O ponto importante levantado por nessa revisão versa sobre a possibilidade da tendência ao equilíbrio na economia. Kirzner retoma sua defesa da existência dessa tendência, embora aceite que o equilíbrio nunca seja alcançável. Com isso, afirma que o livro, ao adotar o subjetivismo radical, admitiu uma volatilidade tamanha para os dados econômicos básicos que torna disruptivas as decisões dos agentes. Isso implicaria ignorar a possibilidade de forças econômicas que

promovem padrões no mercado, resultando na inexistência de uma tendência coordenadora na economia (KIRZNER, 1994b, p. 39-30).

Kirzner destaca que Mises e Hayek, que considera os precursores do Austrianismo moderno, partiram de um entendimento de mercado dinâmico por seu caráter competitivo (KIRZNER, 1994b, p. 40-41). E mesmo isso permitiria uma tendência ao equilíbrio econômico. Então, para Kirzner (1994b, p. 42-43), O'Driscoll e Rizzo acabam por rejeitar as contribuições misesianas e hayekianas que defendem a possibilidade de tendência ao equilíbrio econômico. Um estado que não é tomado por Kirzner, e segundo também por Mises e Hayek, como real ou alcançável, mas como ponto de referência teórico para a análise econômica.

Kirzner concede sobre uma proposta dos autores no livro sobre a relevância de diferenciar aspectos típicos e únicos no futuro. Afirma que é possível concordar que muito da ação empresarial é uma tentativa de antecipar resultados dos eventos típicos, mais do que dos eventos únicos. Porém, para Kirzner, os autores não teriam mostrado os elementos de que dependeria o padrão de coordenação proposto na obra, por negarem o papel coordenador da função empresarial. Assim, haveria uma lacuna na explicação desse fenômeno econômico na obra dos autores. Teria ficado em aberto explicar também a motivação que os levou a negar a posição que Kirzner considera convencional na teoria Austríaca, a da atividade empresarial, se ela poderia cumprir esse papel de explicar a coordenação (KIRZNER, 1994b, p. 42-43).

A reflexão que emerge da abordagem comparativa de Kirzner (1994b) nessa revisão versa sobre a base do Austrianismo na perspectiva kirzneriana, a junção das ideias de Mises e Hayek sobre o processo de mercado. Desta maneira, pode-se argumentar que em Kirzner a adoção de uma posição que se afaste da conjugação das ideias misesianas e hayekianas, como o abandono da tendência ao equilíbrio, é o mesmo que afastar-se do Austrianismo. Adicionalmente, mostra que mesmo tomando como base uma parte da abordagem do livro revisado, ainda cabe nessa versão Austríaca a sua proposta de atividade empresarial como explicação para a coordenação econômica por meio do processo de mercado.

Novo descontentamento kirzneriano com uma proposta de visão Austríaca é encontrada na revisão do livro de Cordato [1992]. Segundo Kirzner, Cordato define a cataláxia como a ordem social que emerge no mercado quando os indivíduos agem

propositadamente. A eficiência econômica é julgada pela capacidade institucional de garantir a propriedade privada e disseminar corretamente as informações. Com base nisso, a preocupação de Cordato teria se voltado para a avaliação do ambiente institucional que deve facilitar a ação propositada (KIRZNER, 1993, p. 145). O problema surge, para Kirzner, quando fica subentendida a possibilidade de usar políticas para alcançar maior eficiência. No pensamento kirzneriano isso representa uma mudança, da avaliação das condições institucionais em que ocorre o processo de mercado para a avaliação dos resultados do próprio mercado (KIRZNER, 1993, p. 146-147).

De acordo com Kirzner, o critério de eficiência catalática de Cordato é uma excelente ferramenta de análise, passível de ser inserida na perspectiva Austríaca se ficar limitada às questões das condições institucionais. Mas, na forma como utilizada por Cordato, para Kirzner, corre-se o risco de extrapolar esses limites (KIRZNER, 1993, p. 147).

Nessa revisão, Kirzner (1993) vale-se da abordagem comparativa para distinguir seu critério de eficiência daquele adotado por Cordato. O critério de eficiência catalática deste último seria baseado no nível de descoordenação, enquanto para Kirzner ele deveria se basear na frustração/interrupção dos planos. Embora Cortado também tenha admitido esse aspecto, teria feito isso para afirmar que a frustração de planos tem efeitos descoordenadores. Já Kirzner admite a inconsistência sistêmica de planos entre os agentes como o fator coordenador da economia. Por isso Cordato teria encarado a o desapontamento de planos como ineficiente, enquanto Kirzner aponta-o como gerador da eficiência catalática (KIRZNER, 1993b, p. 148-149). Na visão kirzneriana é a possibilidade de erros e a sua identificação que permitem o caráter empresarial da dinâmica competitiva.

Por fim, Kirzner também se colocará contrário à proposta de complementariedade entre as visões Austríaca e Clássica na revisão do livro de Reisman [1999]. Reisman teria proposto uma visão Austro-clássica para defender o capitalismo a partir de elementos da teoria econômica existentes no período pré-1870. As críticas kirznerianas focam na ideia de retomar posições abandonadas durante a revolução marginalista, por já terem sido descartadas por Menger (KIRZNER, 1999, p. 81). A proposta Austro-clássica, em resumo, tentaria juntar uma visão objetiva das magnitudes econômicas com as ideias subjetivas do Austrianismo para compreender a economia. Adicionalmente, o material

serviria de defesa do capitalismo contra as ideias marxistas e teorias influenciadas por elas no século XX (KIRZNER, 1999, p. 84).

Para Kirzner, Reisman se afasta da definição subjetiva da riqueza no Austrianismo, que é dada em termos de preferências dos consumidores potenciais, para considerá-la em termos objetivos da promoção do bem-estar. Isso leva a um entendimento, no pensamento kirzneriano, de que a Economia deva orientar políticas públicas para a geração dessa riqueza, e não para a satisfação das necessidades manifestadas pelos indivíduos (KIRZNER, 1999, p. 85). Conquanto Reisman tenha reconhecido afastar-se das abordagens econômicas pós-revolução marginalista, Austríaca e neoclássica, acreditaria integrar Austríacos e Clássicos através das contribuições de Mises e Hayek (KIRZNER, 1999, p. 85-86).

Kirzner ilustra, por meio de alguns pontos que acredita centrais ao Austrianismo, que Reisman estaria ignorando as propostas de Robbins e Mises para a definição da Economia. Esses pontos são: (i) a explicação da compatibilidade dos planos entre múltiplos agentes que formam expectativas e tomam suas decisões individualmente; (ii) o entendimento de como os indivíduos são bem-sucedidos na antecipação das decisões dos demais, bem como no descobrimento e usufruto das oportunidades de lucro que o mercado apresenta; (iii) o esclarecimento para o processo de equilíbrio da economia, por meio da aprendizagem e descoberta (KIRZNER, 1999, p. 86-87); (iv) a identificação dos lucros como resultado das ações empresariais; e (v) a percepção da precedência do consumo sobre a produção (KIRZNER, 1999, p. 88-89).

Com essa última revisão de uma nova proposta baseada na visão Austríaca, Kirzner (1999) utiliza sua abordagem comparativa para mostrar os elementos que acredita centrais no Austrianismo. Isso atende ao que parece ser o objetivo kirzneriano, mostrar como Reisman, embora acreditando aproximar-se da EA na utilização de algumas de suas ideias, está se afastando dela por minimizar aspectos fundamentais no entendimento kirzneriano. Adicionalmente, conquanto a ênfase dada em Mises e Hayek, surge a preocupação de Kirzner em manter a fidelidade às contribuições de Menger, pela aversão ao resgate de ideias contemporâneas ao autor que ele mesmo já teria descartado.

Kirzner também expressou seu pensamento econômico acerca da abordagem marxista. Isso aparece inicialmente na revisão do livro Ioannides [1992], que teria proposto uma crítica às novas abordagens Austríacas, valendo-se de uma perspectiva

marxista para o sistema de mercado. Kirzner considera que as críticas providas pelo material são injustas ou incompreensíveis para um não-marxista (KIRZNER, 1994a, p. 44-45).

Apesar disso, Kirzner nota que é recorrente no livro a crítica que os Austríacos fazem à intervenção do governo motivada pelo entendimento de que o resultado do fenômeno econômico é desconhecido por conta da incerteza. Porém, para Kirzner esse não seria o único motivo, já que Ioannides estaria considerando a incerteza do resultado para além da imprevisibilidade, ao utilizar a contribuição de Lachmann sobre a incerteza como total indeterminação dos acontecimentos. Isso ocorre mesmo com o reconhecimento de que essa versão não é a visão dominante no Austrianismo moderno. Então, a crítica de Ioannides aos Austríacos, com base na incerteza, não recairia sobre uma característica essencial da EA como afirmado no livro (KIRZNER, 1994a, p. 45).

Outra característica recorrente que Kirzner julga injusta seria a negligência da perspectiva dinâmica na proposta Austríaca, uma vez que Ioannides defende ser possível prever os resultados de mercado sobre a distribuição de propriedade. Segundo Kirzner, essa posição é justificada pela visão marxista de que há uma dinâmica objetiva no uso do capital, excluindo o entendimento subjetivo das decisões econômicas. Para Kirzner, isso resulta de uma interpretação equivocada do papel do capital no mercado, como se ele reproduzisse de maneira determinista a própria sociedade (KIRZNER, 1994a, p. 45-46).¹²

Essa revisão permite a Kirzner (1994a) esclarecer seu entendimento sobre os conceitos de incerteza e dinâmica econômica no Austrianismo, ao defendê-los das críticas de Ioannides. Sobre a incerteza, mostra que ela não deve ser admitida como em Lachmann, já que não seria essa versão radical aquela adotada no principal arcabouço Austríaco, derivado do par Mises-Hayek. Quanto à dinâmica econômica, mostra como uma noção subjetiva acerca do capital e seu uso levam a um entendimento diferente quanto aos resultados econômicos, quando comparado à posição marxista de encarar o capital e sua reprodução de maneira objetiva.

¹² Uma forma de ver a reprodução econômica da qual Kirzner buscou se afastar no início da carreira, apontando o equívoco na visão dos recursos futuros como consequência intrínseca dos materiais disponíveis no presente, como se independentemente dos cursos de ação escolhidos pelo indivíduo (KIRZNER, 2010a [1966], p. 29-30).

Kirzner também tratou da abordagem marxista na resposta a Burczak [2002], que teria criticado a proposta kirzneriana de uma regra ética baseada na lógica “*finders-keepers*” para defender a justiça no sistema capitalista. Burczak estaria criticando o capitalismo pela falta de acesso a crédito pelos agentes econômicos que não possuem capital prévio, comprometendo a capacidade desses indivíduos de aproveitar lucros percebidos no mercado. Logo, isso tornaria as oportunidades de lucro aproveitadas ilegítimas, já que apenas uma parte da sociedade pode disputá-las. Kirzner defende-se afirmando que sua proposta da ação empresarial independe da posse de recursos, uma vez que só depende da descoberta (KIRZNER, 2002, p. 93-94). A incompreensão de Burczak parece originar da incompreensão de que a descoberta de uma oportunidade de lucro na tese kirzneriana também depende da identificação de como cobrir os custos do empreendimento.

Kirzner utiliza a abordagem comparativa para esclarecer seu entendimento acerca da decisão empresarial de utilização do capital, onde explicita seu pensamento sobre a abordagem marxista neste tema. Segundo Kirzner, a crítica à justiça distributiva do capitalismo pela abordagem marxista é fundamentada na visão, compartilhada com os Clássicos, de que o lucro é um retorno automático pelo capital empregado na produção (KIRZNER, 2002, p. 94). Nessa visão, o capital se reproduziria de maneira cumulativa, favorecendo seus proprietários de maneira indefinida.

Kirzner (2002, p. 94), entretanto, aponta que o erro dessa visão é negligenciar o caráter de descoberta na utilização do capital, uma vez que toda decisão, mesmo a de uso do capital, é feita no ambiente de incerteza, sem garantia de retornos. É por isso que se reveste de importância a diferenciação feita por Kirzner entre a produção e a descoberta. Porque a produção, objetivando-se lucro, “[...] *it can no longer be seen as an act of pure discovery or “creation”*”. Those who do not possess capital assets simply cannot “produce” profit [...]” (KIRZNER, 2002, p. 94, itálico original). Assim, Kirzner recoloca sua teoria da atividade empresarial que faz a divisão analítica entre a função empresarial e a função de produzir no processo decisório dos agentes.

Por último, tem-se a interpretação kirzneriana da teoria de Keynes. Isso surge inicialmente na revisão já mencionada em que Kirzner compara sua visão de Austrianismo à de Smith [1988]. Como é acessória nessa revisão, a discussão sobre Keynes é breve, mas permite a Kirzner apontar o que considera dois erros na proposição teórica deste

autor. O primeiro seria a possibilidade de insuficiência da demanda agregada na situação de equilíbrio econômico, e o segundo a admissão da poupança como algo com valor em si mesmo, tornando-a fim último de uma decisão (KIRZNER, 1989a, n.p).

Essa revisão permite a Kirzner (1989a) esclarecer seu ponto de vista Austríaco com relação a essas duas características, demanda agregada no equilíbrio e o conceito de poupança. No pensamento econômico kirzneriano não há como existir uma demanda agregada insuficiente no estado de equilíbrio porque este último é o estado de repouso da economia, quando todos os planos individuais estão coordenados, sem possibilidade de melhora – o que impede a existência de uma de demanda agregada maior que não prejudique a situação neste estado de total coordenação. Sobre a poupança Kirzner reconsidera seu significado, porque a entende como contrapartida de uma decisão de consumo maior no futuro, em relação às possibilidades de consumo no presente. Logo, os agentes econômicos não lhe poderiam tomar como fim último no processo decisório, como um objetivo final a ser alcançado, por ser o objetivo intermediário que permite a realização de outro fim almejado na escolha, um consumo futuro mais elevado.

Outra oportunidade em que Kirzner discute brevemente a teoria de Keynes é na revisão do livro de Skousen [1990]. O entendimento kirzneriano é de que o livro busca criticar duas abordagens teóricas: (i) a crença keynesiana de que as forças de mercado não promovem a tendência ao pleno emprego; (ii) a crença em Clark e Knight da possibilidade de ignorar a estrutura temporal do estoque de capital na análise econômica. Para Kirzner, conquanto Skousen tenha sido bem sucedido ao refutar a segunda abordagem, não foi capaz de recusar a primeira por falta de base teórica para tanto. Para isso, no pensamento kirzneriano, seria necessário considerar o dinamismo do processo de mercado que identifica empresarialmente os recursos ociosos para melhores alocações (KIRZNER, 1991, p. 1762).

Então, nessa revisão Kirzner (1991) defende que a crítica à abordagem keynesiana perpassa a consideração da função empresarial no mercado. Com isso, mostra que a propensão à busca por ganhos dos agentes promove o movimento de alocação de recursos para as melhores utilizações percebidas. Essa dinâmica, de identificação e realocação, permite no pensamento econômico kirzneriano uma tendência ao pleno emprego dos recursos.

Com base nesse material, em que Kirzner expressou seu pensamento econômico acerca de outras propostas teóricas que não a sua abordagem particular de Austrianismo ou sua visão do *mainstream*, é possível distinguir duas características. Em primeiro lugar emerge sua forma de interpretar as diferentes abordagens econômicas com que se deparou, o Austrianismo, o Marxismo e a teoria de Keynes. Em segundo há uma preocupação em mostrar como a consideração da função empresarial em cada uma dessas correntes econômicas leva ao resultado teórico mais próximo do seu entendimento – uma abordagem kirzneriana da Escola Austríaca. Porém, cabe notar que isso é feito sem qualquer referência às bases metodológicas dessas correntes.

Para a primeira característica, da interpretação das diferentes visões econômicas, é possível notar que Kirzner recusa a admitir para o Austrianismo as propostas de políticas públicas que privem a liberdade individual. Seja para a alocação intertemporal de recursos (KIRZNER 1989a), seja para buscar maior eficiência do mercado (KIRZNER, 1993). Tais políticas devem permitir a satisfação das necessidades que os indivíduos manifestam (KIRZNER, 1999), porque o livre mercado sozinho é, no pensamento kirzneriano, capaz de manter a liberdade individual e coordenar ao longo do tempo os desejos dos agentes (KIRZNER, 1989a). Isso porque, em Kirzner, é a descoordenação dos planos que gesta os incentivos à coordenação do mercado por meio da atividade empresarial (KIRZNER, 1993).

Sobre diferentes correntes ou propostas para o Austrianismo, Kirzner ainda destaca a necessidade de manter fidelidade às contribuições de Mises e Hayek. Porque ambos apontaram que o caráter empresarial gera o dinamismo do mercado, e embora isso promova a agitação nas condições econômicas, é justamente o que permite a tendência ao equilíbrio (KIRZNER, 1994b). E nisso há motivo para Kirzner enfatizar novamente sua própria proposta de uma função empresarial que promove o processo de mercado e sua respectiva tendência à coordenação/equilíbrio.

Acerca do Marxismo, Kirzner toma-o como admitindo a reprodução econômica de maneira determinística, com base na distribuição inicial dos recursos. Assim, o processo de capital permitiria um resultado de acumulação que privilegiaria aqueles que já possuem posses prévias (KIRZNER, 1994a; 2002). Já o entendimento kirzneriano acerca da teoria de Keynes dá destaque às ideias de: (i) insuficiência de demanda agregada

no equilíbrio (KIRZNER, 1989a); (ii) ociosidade de recursos (KIRZNER, 1991); e (ii) poupança como decisão econômica com fim em si mesma (KIRZNER, 1989a).

A segunda característica, sobre como a função empresarial encaixa-se nessas diferentes abordagens econômicas, aproxima o resultado teórico de cada visão apresentada ao entendimento kirzneriano do processo de mercado. A partir das diferentes interpretações sugeridas para o Austrianismo, é possível ver como a função empresarial sozinha é capaz de: adequar a alocação de recursos ao longo do tempo (KIRZNER, 1989a); coordenar o mercado atuando sobre a incompatibilidade dos planos dos agentes econômicos (KIRZNER 1993); gerar riqueza independentemente de políticas voltadas para esse fim (KIRZNER, 1999).

Quando tratando da abordagem marxista, Kirzner mostra como o processo de capital pode ser compreendido por meio do caráter subjetivo da tomada de decisão que ocorre em meio à incerteza. Essa perspectiva torna possível a percepção de que não há reprodução automática da riqueza no capitalismo, de modo que a distribuição inicial dos recursos não pode, sozinha, explicar o resultado futuro do mercado. Na perspectiva kirzneriana deve ser incluída a função empresarial para compreensão do processo de descoberta em cada resultado, que pode ser falível ao frustrar expectativas, não havendo ganhos garantidos (KIRZNER, 1994a; 2002).

Por fim, discutindo a teoria de Keynes à luz da função empresarial, mostra que não há possibilidade de insuficiência da demanda agregada porque a propensão individual aos ganhos promoveria a alocação dos recursos econômicos ociosos (KIRZNER, 1989a, 1991). Já a poupança não é vista como fim da decisão empresarial, mas como meio no processo decisório, por ser o ato de buscar maior provimento de recursos no futuro com relação ao que é possível no presente (KIRZNER, 1989a).

É possível notar nas revisões desta seção: (i) a fidelidade de Kirzner ao conjunto das contribuições misesianas e hayekianas; (ii) a tentativa de aproximação e correção das visões teóricas discutidas por meio de sua proposta da atividade empresarial; e (iii) que a comparação com outras abordagens econômicas independe de discussões metodológicas.

Com base na abordagem comparativa, Kirzner apresenta a proposição teórica do material revisado para dar sua interpretação sobre ele, bem como, na maioria das vezes, simular teoricamente o resultado obtido na admissão da função empresarial. Mas, vale notar, as ideias de Mises e Hayek são resgatadas em razão da noção de processo de

mercado, ignorando-se suas posições metodológicas. Também não se discute a metodologia necessária ou inerente ao Austrianismo, nem mesmo quando Kirzner está colocando em perspectiva sua própria abordagem. Toda revisão kirzneriana é centrada na ideia de atividade empresarial, lembrando a hierarquia entre os temas praxeologia e processo de mercado no pensamento de Kirzner. Isso é reforçado quando se observa que o autor também não propõe discussões metodológicas ao comparar sua proposta com a de distintas abordagens econômicas, sejam as correntes Austríacas, o Marxismo ou a teoria keynesiana.

4. Conclusão

A pesquisa de textos pouco conhecidos de Kirzner realizada neste artigo evidencia que o *insight* de Caldwell mencionado na introdução, de que aquele autor utiliza um estilo argumentativo baseado em comparações teóricas entre o Austrianismo e outras abordagens econômicas, é um guia relevante para a compreensão dos seus escritos econômicos. Isso confirma a hipótese sobre o engajamento profissional de Kirzner, ilustrando sua tentativa de não se isolar do restante da profissão na discussão de diversos temas, tentando sempre aproximar a visão Austríaca daquilo que está sendo discutido por economistas não identificados com o paradigma misesiano-hayekiano. Com base nisso, constatou-se dois temas que são recorrentes nessa parcela menos conhecida das obras kirznerianas: sua relação com a praxeologia e o pensamento de Kirzner sobre outras escolas econômicas.

Na relação com a praxeologia foi possível observar que Kirzner lhe defende de diferentes formas, embora isso seja feito de maneira implícita na maioria dos textos, já que o autor resiste ao uso do termo. A defesa do método praxeológico pode ser vista no pensamento kirzneriano auxiliando a análise econômica, ao aumentar a compreensão dos fenômenos na economia pelo maior grau de subjetivismo. Enquanto a praxeologia como ferramenta de construção teórica é defendida nas discussões que envolvem a racionalidade da ação humana. Constatou-se nos textos aqui analisados que Kirzner a utiliza de ambas as maneiras. Em especial, percebeu-se como a utilização kirzneriana da praxeologia, enquanto ideia de racionalidade da ação humana na revisão de planos, permite a Kirzner aproximar-se de outras correntes de pensamento econômico, utilizando tal princípio como ponto de partida comum entre elas e a visão Austríaca.

Por fim, foram discutidas as interpretações de Kirzner acerca de novas abordagens sugeridas para o Austrianismo, bem como para o Marxismo e a teoria de Keynes. Foi mostrado como o pensamento kirzneriano mantém-se fiel às ideias de Mises e Hayek na composição de um movimento Austríaco, que ele torna dependente da teoria empresarial do processo de mercado. Ao tratar do Marxismo, Kirzner posicionou tal visão econômica como centrada no objetivismo e determinismo das relações econômicas, mostrando como ignoram questões caras à EA: o papel especulativo e subjetivo das decisões individuais. Sobre Keynes, Kirzner mostra seu descontentamento quanto ao tratamento do desequilíbrio e da poupança, cujos significados divergem daqueles assumidos no Austrianismo. Para todas as três abordagens, versões Austríacas, Marxismo e Keynesianismo, o pensamento econômico kirzneriano é capaz de apresentar uma versão empresarial do processo de mercado. E isso é feito por Kirzner independentemente das diferentes metodologias utilizadas entre ele e os autores, ao fazer suas conclusões teóricas convergirem para aquela defendida por ele.

No tratamento desses dois grandes temas, surgidos na revisão feita neste artigo, esteve subjacente a hierarquia que Kirzner parece ter em seu pensamento econômico, entre o entendimento misesiano do mercado e a metodologia que lhe deu origem. Como a proposta teórica kirzneriana também abraça as ideias hayekianas, surgidas com outras bases metodológicas, a defesa do processo de mercado aparece de maneira central nos textos, deixando preterida a praxeologia.

Como recordam Jakee e Spong (2003, p. 470), havia na década de 1960 um debate sobre a metodologia em Economia, e a tentativa de uma defesa dos ideais praxeológicos por Kirzner aparece nos materiais publicados nessa época, como aqueles consultados neste artigo. Porém, como também notam os autores, o termo “praxeologia” deixa de ser usado para dar lugar à defesa de suas ideias e implicações, ao que Kirzner amarra a ideia racional de revisão dos planos. Isso pode ser lido como uma mudança na forma de aproximar-se das diferentes visões econômicas, da transição do significado da praxeologia para a ideia de processo de mercado.

Possivelmente, por conta desse debate e da difícil inserção da praxeologia na época, incluindo aí a discussão na própria EA, há nos materiais consultados a defesa kirzneriana da noção de processo de mercado como tema unificador nesta escola de pensamento. Uma posição que tem sua importância observada quando se percebe que

Kirzner não abandonou o método praxeológico, de modo que sua atitude pode ser interpretada com base no engajamento profissional do autor. E isso pode ser observado na postura de preferir a ideia de processo de mercado à praxeologia, manter-se fiel às ideias de Mises e Hayek sobre o processo de mercado como base para o Austrianismo e na definição da EA Moderna, bem como na sua aproximação a outras abordagens com base em sua tese da atividade empresarial.

Portanto, dos textos menos conhecidos de Kirzner emergem novas considerações acerca de seu pensamento econômico. Foram destacados neste ensaio: a “abordagem comparativa”, a relação com a praxeologia e a perspectiva de Kirzner para distintas visões acerca da Economia. Tais considerações são importantes não só pela revelação de novos aspectos do pensamento kirzneriano, mas por servirem de guia complementar na leitura das obras de Kirzner, permitindo melhor entendimento de seus principais textos.

Referências Bibliográficas

- ANGELI, Eduardo. Caminhos da Escola Austríaca: relação com ortodoxia, engajamento e produção de novo conhecimento. **Nova Economia**, v. 28, n. 2, p. 681-704, 2018.
- BARBIERI, Fábio. **O Processo de Mercado na Escola Austríaca Moderna**. São Paulo: USP – FEA, 2001. 188 p. Dissertação – Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2001.
- BARBIERI, Fábio. O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado. **Revista Econômica**, v. 10, n. 2, p. 215-235, 2008.
- BOETTKE, Peter J. Entrepreneurship, and the entrepreneurial market process: Israel M. Kirzner and the two levels of analysis in spontaneous order studies. **The Review of Austrian Economics**, v. 27, n. 3, p. 233-247, 2014.
- BOETTKE, Peter J.; COYNE, Christopher J. Entrepreneurship and development: Cause or consequence?. In: KOPPL, Roger; BIRNER, Jack; KLITGAARD-KURRILD, Peter. (ed.). **Advances in Austrian Economics**, Vol 6. Emerald Group Publishing Limited, p. 67-87, 2003.
- BOETTKE, Peter J.; D'AMICO, Daniel J. Corridors, Coordination, and the Entrepreneurial Theory of the Market Process. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n.2, p. 87–96, 2010.

- BOETTKE, Peter J.; RIZZO, Mario J. Preface. In: BOETTKE, P. J.; KIRZNER, I. M.; RIZZO, M. J. (ed.). **Advances in Austrian economics**, Vol 2B. Jai Press, p. xiii-xv, 1995.
- BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View**, Vol 1. Indianapolis: Liberty Fund, 2009.
- BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Discovery, Capitalism, and Distributive Justice**, Vol 6. Indianapolis: Liberty Fund, 2016.
- BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. A Conversation with Israel Kirzner, July 2006, by Peter J. Boettke and Frédéric Sautet. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics, Policy, and the Legacy of Austrian Economics**, Vol. 9. Carmel: Liberty Fund, p. 725-761, 2018a.
- BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Indianapolis: Liberty Fund, 2018b.
- BURCZAK, Theodore. A critique of Kirzner's finders-keepers defense of profit. **The Review of Austrian Economics**, v. 15, n. 1, p. 75-90, 2002.
- CALLAHAN, Gene. A Comment on Klein/Briggeman and Kirzner. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 105-115, 2010.
- DOUHAN, Robin; ELIASSON, Gunnar; HENREKSON, Magnus. Israel M. Kirzner: An outstanding Austrian contributor to the economics of entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 29, n. 1-2, p. 213-223, 2007.
- FOSS, Nicolai J.; KLEIN, Peter G. Alertness, Action, and the Antecedents of Entrepreneurship. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 145-164, 2010.
- HISTORY OF ECONOMIC SOCIETY. **2018 Distinguished Fellow Award**. Disponível em: https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf. Acesso em 21.10.2018.
- HOLCOMBE, Randall G. The origins of entrepreneurial opportunities. **The Review of Austrian Economics**, v. 16, n. 1, p. 25-43, 2003.

- HORWITZ, Steven. Kirznerian entrepreneurship as a misesian solution to a hayekian problem. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 97-103, 2010.
- JAKEE, Keith; SPONG, Heath. Praxeology, entrepreneurship and the market process: A review of Kirzner's contribution. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 25, n. 4, p. 461-486, 2003.
- KIRZNER, Israel M. **Rational action and economic theory**. Journal of Political Economy, v. 70, n. 4, p. 380-385, 1962.
- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Three Views of Method in Economics*, por Henry W. Briefs (1960)]. **Journal of Political Economy**, v. 71, n. 6, p. 614-615, 1963a.
- KIRZNER, Israel M. **Rational Action and Economic Theory: Rejoinder**. Journal of political economy, v. 71, n. 1, p. 84-85, 1963b.
- KIRZNER, Israel M. What Economists Do. **Southern Economic Journal**, v. 31, n. 3, p. 257-261, 1965.
- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Nature of Economic Thought: Selected Papers, 1955-64*, por G. L. S. Shackle (1966)]. **The Journal of Business**, v. 40, n. 2, p. 209-210, 1967a.
- KIRZNER, Israel M. Divergent Approaches in Libertarian Economic Thought. **Intercollegiate Review**, v. 3, n. 3, p. 101-108, 1967b.
- KIRZNER, Israel M. **Perception, Opportunity, and Profit: Studies in the Theory of Entrepreneurship**. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.
- KIRZNER, Israel M. Enter the new economists. [Revisão do livro *Tomorrow, Capitalism: The Economics of Economic Freedom* por Henri Lepage (1982)]. **Inquiry**, p. 34-35, 1982.
- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Methodology of Economics, Or How Economists Explain* por Mark Blaug (1980)]. **Austrian Economics Newsletter**, v. 5, n. 1, 1984.
- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Time And Public Policy* por T. Alexander Smith (1988)]. **The Freeman**, 1989a. Disponível em: <https://fee.org/articles/book-review-time-and-public-policy-by-t-alexander-smith/>. Acessado em 10.04.2018.
- KIRZNER, Israel M. The Use of Labels in Doctrinal History: Comment on Baird. **Cato Journal**, v. 9, n. 1, p. 231-237, 1989b.

- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The structure of production* por Mark Skousen (1990)]. **Journal of Economic Literature**, v. 29, n. 4, p. 1761-1763, 1991.
- KIRZNER, Israel M. **The Meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, 1992.
- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *Welfare Economics and Externalities in an Open-Ended Universe: A Modern Austrian Perspective* por Roy E. Cordato (1992)]. **Cato Journal**, v. 13, n. 1, p. 143-149, 1993.
- KIRZNER, Israel M. [Revisão do livro *The Market, Competition and Democracy: A Critique of Neo-Austrian Economics* por Stavros Ioannides (1992)]. **The Freeman**, p. 44-46, 1994a.
- KIRZNER, Israel M. On *The economics of time and ignorance*. In: BOETTKE, P. J.; PRYCHITKO, D. L. (ed.). **The Market Process: Essays in Contemporary Austrian Economics**. Brookfield: Edward Elgar, p. 38-44, 1994b.
- KIRZNER, Israel M. **How markets work: Disequilibrium, entrepreneurship and discovery**. London: The Institute of Economic Affairs, 1997.
- KIRZNER, Israel M. Report on a Treatise. **The Review of Austrian Economics**, v. 12, n. 1, p. 81-94, 1999.
- KIRZNER, Israel M. **The Driving Force of the Market**. London: Routledge, 2000.
- KIRZNER, Israel M. Comment on "A Critique of Kirzner's Finders-Keepers Defense of Profit". **The Review of Austrian Economics**, v. 16, n. 1, p. 91-94, 2002.
- KIRZNER, Israel M. Human attitudes and economic growth. **Cato Journal**, v. 25, n. 3, p. 465-469, 2005.
- KIRZNER, Israel M. The Economic Point of View. [1960]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View**, Vol 1. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-189, 2009.
- KIRZNER, Israel M. An Essay on Capital. [1966]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Essays on Capital and Interest**, Vol. 2. Indianapolis: Liberty Fund, p. 14-133, 2010a.
- KIRZNER, Israel M. The Meaning of "Economic Goodness": Critical Comments on Klein and Briggeman. **The Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 55-85, 2010b.

- KIRZNER, Israel M. Market Theory and the Price System. [1963]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Market Theory and the Price System**, Vol 3. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-352, 2011.
- KIRZNER, Israel M. Competition and Entrepreneurship. [1973]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship**, Vol 4. Indianapolis: Liberty Fund, p. xv-200, 2013.
- KIRZNER, Israel M. Discovery, Capitalism and Distributive Justice. [1989]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Discovery, Capitalism, and Distributive Justice**, Vol 6. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-169, 2016.
- KOPPL, Roger. What is alertness? **Journal des Économistes et des Études Humaines**, v. 12, n. 1, p. 3-13, 2002.
- KORSGAARD, Steffen; BERGLUND, Henrik; THRANE, Claus; BLENKER, Per. A tale of two Kirznars: Time, uncertainty, and the “nature” of opportunities. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 40, n. 4, p. 867-889, 2016.
- LEWIN, Peter. Entrepreneurship and the defense of capitalism: An examination of the work of Israel Kirzner. **Journal des Économistes et des Études Humaines**, v. 12, n. 2, p. 203-212, 2002.
- MCCAFFREY, Matthew. On the theory of entrepreneurial incentives and alertness. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, n. 4, p. 891-911, 2014.
- VAUGHN, Karen I. The problem of order in Austrian economics: Kirzner vs. Lachmann. **Review of Political Economy**, v. 4, n. 3, p. 251-274, 1992.
- VAUGHN, Karen I. **Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.